Paradigmas interferenciais no galego exterior zamorano

Fred Boller
Universität Kiel

1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DIALECTOLOGIA E O CONTACTO LINGUÍSTICO

Depois de ter tido ocasião, em Setembro de 1992, no Colóquio da Lusitanística e Catalánística germanófonas de Berlim, dentro da secção dedicada à língua, literatura e cultura da Galiza, de apresentar na sua fase inicial um projeto de investigação dialectológica para esclarecer o escalamento de iso-glossas na zona de contacto galego-português-espanholha (GPS), gostaria de discutir agora alguns resultados concretos da pesquisa realizada. Segundo a descrição resumida da nossa secção do galego, decorre da situação particular da Galiza entre as culturas e línguas ibero-românicas quase forçadamente a pergunta pela natureza do contacto linguístico entre o galego e o castelhano ou o português, o que pode conduzir no caso extremo à "criação de novas variedades linguísticas no campo de tensão das línguas de contacto envolvidas". Agora, a ênfase na perspectiva específica da investigação do contacto linguístico não é nada nova, mas requer uma análise interlingual que às vezes não se confunde com uma tendência oposta à extrema especialização de alguns representantes.

---

9 Data de acepção: março de 1995.
11 Compare a descrição resumida da secção para o galego: entre lusitanístico e ibergónico sob a direcção de J. Kastner e D. Krieger.
da nossa disciplina. Assim, é preciso constatar, com respeito à dialectologia, que as numerosas descrições linguísticas e dialectais se concentraram na investigação de um sistema linguístico ou de um dialecto aparentemente isolado sem integrar ou até pôr no centro da investigação a perspectiva da possível influência mútua de duas línguas ou dialectos vizinhos.

A investigação do contacto linguístico oferece ao linguista a possibilidade de enriquecer o nível da descrição de uma língua singular pela perspectiva pluridimensional da mistura linguística nas zonas de contacto. Uma situação de contacto linguístico pode gerar-se dentro de um sistema linguístico que adopta novos elementos do primeiro através da sobreposição de um segundo, ou ser causada nas regiões limítrofes pela proximidade de línguas vizinhas. A mistura linguística assim configurada manifesta-se com respeito ao nível fonético-fonológico na utilização de particularidades articulatórias da língua de contacto, no sistema gramatical pela combinação de morfemas de origem distinta e, ainda, no nível do léxico na medida em que se integravam palavras inteiras ou elementos lexicais no vocabulário original. Os níveis da investigação do contacto linguístico correspondem em princípio aos das línguas singulares envolvidas, abrangem no entanto pelo menos um estudo das variações diatépicas e diastráticas que pode ser enriquecido pela análise das variações diastráticas e diafáticas, quando o objecto de investigação o permite. Considerando a forte mutabilidade dos parâmetros de investigação aqui apresentados, parece proveitoso examinar a variação do nível em questão mantendo os outros constantes. Só assim será possível atribuir com certeza uma particularidade linguística encontrada a um nível de variação determinado e pô-la em oposição com fenómenos vizinhos.

No centro da nossa pesquisa, figurava uma descrição em primeiro lugar sincrónica da variação diatépica na zona de contacto galego-português-espanhola (GPS). A interpretação das condições sincrónicas efectuou-se no entanto recebendo a tendência de evolução diastrática que possibilitavam uma apreciação diferenciada da dinâmica dos sistemas linguísticos existentes. A natureza específica da zona investigada obrigou-nos a fazer abstracção de uma análise das variações diatáticas e diagenéticas, visto que o informante dialéctico típico pertencia à camada social dos lavradores na geração dos avós. Exclusa-se finalmente a possibilidade de uma variação diafática pela medição constante no levantamento dos dados. Esta perspectiva monovariacional, em parte intencional, em parte forçada pelas circunstâncias locais, enriqueceu-se consideravelmente na situação do contacto linguístico, que contribuiu para uma dosagem dos elementos linguísticos isolados que o investigador teria de determinar reiteradamente. Por conseguinte, no contexto da fonética e morfologia diastráticas, julgámos o grau inovador das variantes dialectais encontradas, que foi relacionado com o respectivo estádo de desenvolvimento das distintas línguas iberoromânicas.

---

1 Este procedimento parece-se particularmente típico dos projetos de investigação nacionais, que dizem resistir à descrição da própria situação linguística frente à língua dos vizinhos.
2 Uma tal situação é particularmente evidente na Galiza, onde convivem as duas línguas iberoromânicas, o galego e o catalão. No caso da Galiza, a influência catalã tende a ser mais pronunciada do que a influência galega.
3 Um caso particular é a situação de contacto galego-português na Galiza, onde convivem as duas línguas iberoromânicas, o galego e o catalão. No caso da Galiza, a influência catalã tende a ser mais pronunciada do que a influência galega.
2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO DA INVESTIGAÇÃO

A necessidade para a descrição dialectológica dos espaços dialectais de estrutura complexa no noroeste da Península Ibérica, onde se misturam elementos lusófonos com outros hispanofólicos de uma maneira particular, foi reconhecida já há mais de cem anos pelo dialectólogo português Vasconcelos. No seu artigo "Línguas fronteiriças de Portugal e Espanha", Vasconcelos estende a perspectiva de investigação à dimensão do contacto linguístico com o vizinho espanhol ou galego. 1 Parece-nos sumamente inovador o aspecto da influência linguística recíproca aqui e além das fronteiras políticas, fenômeno que levava a variedades linguísticas que Vasconcelos qualificou de *idiomas intermediários*. Assim, insiste na apercepção do "grau de mistura" entre elementos galego-portugueses e leonés-castelhanos nos falares fronteiriços divergentes. Outra contribuição significativa à etnografia espanhola e portuguesa nos é fornecida pelo hispanista alemão Katzen in 1925, com a sua *Geographische Kultur Sanabrías und seiner Nachbargebiete* e com o artigo contrastivo Mezzia de dialectos em que analisa as idiomas fronteiriços arcaizantes Hermisende, La Tejera, Cidacos, Santa Cruz de Abalos e Ríonar de Castilla no extremo sul do vale de Sanabria na província de Zamora, na proximidade imediata da fronteira portuguesa 2. Katzen sublinha a marcada heterogeneidade dos fenómenos linguísticos encontrados, que por sua vez mostram tipicas mutações no uso local e quase impossibilitam uma caracterização linguística inequívoca ou até uma classificação dialectológica. Este conhecimento levou-o a aceitar a existência de *dialectos mixturados* (Mischdialekten), que mostravam respectivamente uma composição diferenciada de distintos elementos linguísticos. O mesmo Katzen pôde ainda mostrar que a posição da zona de contacto dos elementos galego-portugueses e leonés-castelhanos não foi determinada pelas fronteiras políticas (Gávea – Vinhais – Zamora), mas localizava-se simplesmente no território espanhol. Uma importante monografia acerca do dialecto galego-português de Lubín foi redigida em 1954 por Corres y Váquez, que determina no seu trabalho a extensão do substrato galego na província de Zamora. A linguista portuguesa Santos fornece na sua extensa obra acerca dos falares fronteiros de Trás-os-Montes 3 uma descrição detalhada da fonética, morfológica, sintaxe e léxico dos espaços dialectais examinados. Santos também prossegue com continuidade a perspectiva do contacto linguístico e explica determinados fenómenos referindo-se à possível ou evidente influência pelo vizinho galego ou leonés-castelhano. A tese de doutoramento de Fernández Rei, terminada em 1979, compreende-se como contribuição à

---

1 Vasconcelos 1902, Linguagens, p. 133: “Porcorrendo-se ao longo das fronteiras portuguesas, tanto a oriental como a septentrional, descobrem-se do lado de cá certos falares que partilham dos caracteres hispânicos ou galegos, conforme as espécies, e do lado de lá outros falares que participam dos caracteres portugueses, os pertencem mesmo totalmente ao domínio linguístico de Portugal.”

2 Katzen 1925, Mezzia, p. 126: “Lo que llama la attentive, além da diferente dialectologia, el carácter conservador que distingue a los dialectos leoneses, y sobre particularmente frente al sanabres propiamente dichos.”

geografia linguística galega e dirige a atenção do leitor para a morfologia do verbo que o autor descreve nas suas diversas manifestações recorrendo a material dialectal da Galiza inteira. O Atlas Lingüístico Galego (ALGe) acerca da morfologia verbal da língua galega, publicado em 1990 pelo Instituto da Língua Galega (ILG), apresentou pela primeira vez uma visão coerente da variação diastrítica no noroeste da Península Ibérica.

3. APRESENTAÇÃO DO ATLAS LINGÜÍSTICO REGIONAL DA ZONA DE CONTACTO GALEGO-PORTUGUÊS-ESPAÑOLA (ALGPE)

O Atlas lingüístico regional da zona de contacto galego-português-espainola (ALGPE), que se estende da Serra do Canizo ao oeste à Portela de Pardoalto ao leste e da Penha Treireba no norte à Serra da Covoa no sul, apresenta o material dialectal recolhido em 1991 numa transcrição fonética facilmente legível, baseada na sinbolização do Alfabeto Fonético Internacional adaptada de tal maneira às condições linguísticas encontradas, que se põe descobrir convenientemente o conjunto dialectal das três línguas iberoromânicas envolvidas. A confecção de um mapa lingüístico baseado numa transcrição fixada pela International Phonetic Association (IPA) exige a compilação de um conjunto de caracteres apropriado em dois ou três níveis. Com vista a um manejo facilitado, recomenda-se escolher somente os símbolos de transcrição necessários para a representação do material dialectal. Uma vez definido o conjunto de caracteres, integra-se como qualquer outra escritura no sistema do computador e mantém-se disponível em todos os programas. O mapa lingüístico do tipo AFI visualiza, em contraposição ao mapa simbólico, as anonas inteiramente transcritas posicionadas mediante um documento seriado num mapa básico. Este procedimento já parece dispensável demais para a representação de meros tipos lexicais, enquanto as diferenças morfológicas e fonológicas se impõem de maneira adequada. Para que a variação diastrítica dos morfemas e fonemas analisados se possa distinguir bem, é possível salientar determinados fenómenos em bold ou em itálico ou marcados com isótopos ou isótopos. O mapa lingüístico do tipo AFI não precisa de uma legenda adicional e é – pressupondo-se o conhecimento do alfabeto de transcrição AFI – fácil e rapidamente legível, porque o conjunto de caracteres emparelha os símbolos fonológicos básicos só com um diacrítico fonético ou prosódico.

As técnicas de procedimento no tratamento de dados linguísticos permitiram-nos o desenvolvimento de um tratamento computadorizado do material dialectal foneticamente


\textsuperscript{7} Um documento seriado é a parte covarsa de uma série de mapas no qual os pontos seriados são representados por símbolo que por sua vez permitem a distribuição dos dados dialectais actualizados pelo abandono sequencial de um base de dados idênticamente estruturado. Aceda a definição e da terminologia compare também com Microsoft Word Manual do Usuário, Versão 5.0. Programa de tratamento de arquivos para o Apple Macintosh. Microsoft Corporation 1990/92.
transcreto. A hora de constituir um mapa linguístico, a representação realiza-se de uma maneira mais nítida, quando se diferencia entre a parte de dados constante e variável. Este procedimento possibilita uma dijnjção das apelhes oferecidas no programa de tratamento de textos, como p.e. Word 5.0/Macrom, quando se activa o modo gráfico para a parte constante e o componente do banco de dados para a organização da parte variável. Dessa maneira geram-se mais de 200 mapas linguísticos analíticos, imprimindo os mapas 

4. ALGUNS PARADIGMAS INTERFERENCIAIS NO GALEGO EXTERIOR  

ZAMORANO (GEZ)  

Dentro do aspecto morfológico, a área da morfologia verbal desempenha o papel-chave porque se formaram paradigmas hilibrados complexamente maltratados. Trata-se de descrevê-los com respeito à sua variação dialetal, diferenciada e estrutural. É preciso ter em mira o problema da vitalidade diferenciada de determinadas desinências. Apoiando-se no ALGEX, analisaram-se e cartografaram-se os verbos regulares de todas as conjugações e os mais importantes verbos irregulares no presente do indicativo (PI) e no pretérito perfeito simples (PPS). Partindo da constelação etimológica, tentou-se reconstruir as diversas linhas de desenvolvimento do latim clássico, passando pelas fases intermediárias do latim vulgar e medieval até à situação contemporânea da norma lingüística. Deste modo, foi possível apreciar melhor as variantes e os matizes dialectais encontrados.

4.1. O verbo regular <cantar>  


cantar é um verbo inteiramente regular da primeira conjugação em todas as três línguas ibercornacálicas envolvidas. Por isso, oferece a possibilidade de analisar a variação dialetal das desinências e da alternância da vogal tónica que é típica para a região, sem variar a raiz verbal. No paradigma do PPS produzem-se divergências notáveis da norma, sobretudo no uso das desinências. Enquanto prevalecem no GIPS para a 1ª e 3ª PSS as formas do PPS [kαntuŋ] e [kαntuŋ], a vogal tónica e as desinências das demais pessoas variam de modo característico. Na 2ª PS, o étimo latino cantarixi desenvolveu-se através de uma forma
intermédia do galego antigo campante na maior parte da Galiza, até a forma cautele(e)10 que se limita no GEZ ao grupo dialectal do Porto, situado no nordeste da Serres Segadeira (v. mapa GPS 113). Na IM GPS 21 efectua-se a passagem da desinência galega -che(s) á castelh. -ste(s) com a troca simultânea da vogal tónica de /a/ en /e/ nos grupos dialectais Labián e Hermisende. As formas do plural no PPS comportam-se de modo análogo para a 2ª PP; a IM GPS 23 (v. mapa GPS 115) delimita a extensão da desinência castelh. -ste(s) que contrasta com a galega -ster11. Dentre da área do GEZ existem portanto dois paradigmas do PPS independentes que se confrontam nos quadros seguintes:

**Grupo dialectal do Porto**

<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[kan’te]</td>
<td>[kan’tafo]</td>
<td>[kan’tou]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[kan’tamug]</td>
<td>[kan’taas]</td>
<td>[kan’tarun]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Grupos dialectais de Labián e Hermisende**

<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[kan’te]</td>
<td>[kan’testa]</td>
<td>[kan’tou]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[kan’temug]</td>
<td>[kan’testeu]</td>
<td>[kan’terun]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Esta característica é igualmente válida para os demais verbos regulares da primeira conjugação e mesmo para alguns verbos irregulares que terminam em -or:

4.2. O verbo regular <voar>

O verbo Volar – voar é de um interesse dialetemológico particular porque convergem nele simultaneamente mais de um processo de mutação fonética-fonológica. Assim, o verbo sofre uma análise da variação diatónica do fonema inicial, depois a vogal tónica pode dinamar em [-o-] no IE (casas vezes também no PPS) e finalmente permite apreciar o tratamento do fonema lateral intervocálico. Mesmo se a fase galego-portuguesa se distingue

---

10 Penónse Rui 1990, Dialectología, p. 87: "Hone cautele o cautele repetente no maior parte do território galego; na mapa 33 pode verne tenha maior concentração de formas con -e no occidente, así coma o avante desa forma sobre cautele, que se refiria como forma única cada vez máis común a parte oriental."

11 Encontra-se a indicação seguinte em Penónse Rui 1990, Dialectología, p. 50: “Na maioría do territorio galego a 2ª dos perfetos presenta o sufixo -ster (castel. col. cast., port.); as variante -ste(s) reina na parte oriental (mapa 35)."
de maneira característica pela perda inovadora do elemento intervocálico sob conservação da vogal tônica não ditongada, podem subsistir formas arcaizantes numa zona de contacto linguístico. Os mapas GPS 067 e GPS 122 documentam este facto pela IP GPS 23 que caracteriza em Labián (ZA 07) e Padornelo (ZA 10) amostras dialectais com o fonema lateral conservado. A análise das formas do singular no presente sem ditongação da vogal tônica mostra que se trata de formas verbais arcaizantes e que isso não pode ser causado por uma interferência castelhana moderna. Assim, verifica-se em Labián e Padornelo o paradigma seguinte do presente:

<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>['bola]</td>
<td>['bolaʃ]</td>
<td>['bola]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>['boˈlameʒ]</td>
<td>['boˈlaʃ]</td>
<td>['bolan]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

A análise dialectológica do verbo vooar / vular evidencia que não se devem contrastar os resultados galego-portugueses com os outros leonis-castelhanos simplesmente numa perspectiva sincrónica. Cada critério fonético-fonológico (a redução galego-portuguesa do fonema lateral intervocálico, a ditongação leonis-castelhana da vogal tônica) desenvolveu-se independentemente e reflecte às vezes um estado linguístico arcaico que só pode ser explicado numa perspectiva diacrónica.

4.3. O verbo regular <vender>:

O verbo vender e venhar dare - vender pode ser considerado como protótipo de um verbo regular da segunda conjugação que permite, independentemente da raiz, uma investigação da variação da vogal tônica e das desinências associadas. Além disso, convida a uma análise da problemática da inicial com as possíveis realizações como oclusiva bilabial sonora ou fricativa labiodental sonora. Dois outros aspectos fonéticos são representados pelo grau nasal da vogal tônica e pelo seu tratamento metáfônico. O fenómeno da metafonia, i.e. a articulação de uma vogal tônica fechada na 1ª PS do PI vs. realização aberta nas demais pessoas, pode-se demonstrar particularmente bem nos verbos da segunda conjugação. Como se trata de uma marca tipicamente lusófona, adjudicaríamos a metafonia primeiro à língua portuguesa. No entanto, a valorização dialectológica do nosso material deu como resultado que no caso da GPS 083, as formas metafónicas que se manifestaram formam a metafonia também no galego. Em primeiro lugar, a IP GPS 25 visualiza no mapa GPS 083, que reproduz a variação diâptrica das duas primeiras formas do PI, a presença de amostras dialectais metafónicas tanto no distrito de Vilaflaís como no lado galego. Enquanto que a vogal tônica em Tríes-os-Montes se articula...
ainda de modo claramente anasalado, perde-se a nasalidade imediatamente no terreno galego no caso da vogal tônica aberta, no entanto ela subsiste na vogal tônica fechada da 1ª FS aproximadamente até à Portela da Conda. As próprias formas metafônicas podem encontrar-se até ao norte da Serra Segadeira. É possível estabelecer uma hierarquia dos fenômenos interferenciais masfônicos, no sentido que a metanofonia irradia muito longe, seguida pela articulação anasalada da vogal tônica fechada que por sua vez contrata com a realização oral da vogal tônica aberta. No paradigma do PFS (cf. mapa GPS 139), o verbo vender mostra, abstraindo-se a passagem das desinências galegas às castelhanas marcada pela DM GPS 26, uma regularização interessante na vogal tônica. Embora a norma galega prescreva as desinências com um i-4-f como i-1'60e e i-1'afaz' sé para a 1ª e a 2ª FS no PFS para os verbos da segunda conjugação frente às demais pessoas que mantêm a vogal tônica bel, estende-se no galego da GPS a mesma alternância na vogal tônica às 1ª e 2ª PP. Este fenômeno alcança até mesmo Pinheiro Novo (VI 01), Seixas (VI 02) e Moimenta (VI 04) no lado português. Evidentemente esta interferência, provavelmente provocada por influência castelhana, não é uma característica exclusiva da GPS.

4.4. O verbo regular <colher>

Com a base de um ótimo latíno collocare — colher, as línguas iberorromânicas desenvolveram um verbo inteiramente regular da segunda conjugação que permite portanto um julgamento sobre as particularidades específicas da zona de contacto investigada. Visto que as modificações fonéticas — excepto os elementos assimiláveis — se limitam ao fonema lateral intervocálico que evoluía no galego-português a uma lateral dorsopalatal (collec colher), ou seja a uma fricativa dorsovelar surda no castelhano (coger), a análise linguística deste verbo possibilita uma caracterização exacta das variações diastrética e disštática da informação gramatical contida nas desinências. A vogal rizotônica do PI sofreu igualmente determinadas alterações nas formas finitas que suscitam uma avaliação de formas metafônicas e de desinências espóridicas. Uma mudança morfológica particularmente evidente afecta a tendência à neutralização das distintas conjugações no PPS em grandes partes da Galiza. O mapa GPS 084 testemunha a alternância metafônica da vogal tônica nas formas finitas do PI em todo o território da nossa pesquisa. A IP GPS 26 sinaliza no entanto a renúncia á metanofonia em favor da vogal tônica uniformemente aberta em Pedornelo (ZA 10). É típico da região a adaptação parcial do verbo colher/colher ao modelo de flexão da terceira conjugação no PPS que dá lugar ao seguinte paradigma verbal que prevalece na GPS:

12 IOR/AG 1989, Normas, p. 72: “Resumindo: a neutro NO de Galicia neutralizas as consoantes 2ª e 3ª nesta pene de perfis fixos, (a) seixas vezes a expens de 2ª (cogia = conia) e (b) outras vezes a expens da 3ª (portou = colina). A neutro neutro manha etimologicamente diferente os duas paradigmas: coger/conia.

13 Flassio Fact 1980, Diálektolojía, p. 89: “As alternancias entre (colher colher: -er, -er); (portou: -er) é que se verá e que se verá ao galego.”
<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[kuˈd̪i]</td>
<td>[kuˈd̪if̪a]</td>
<td>[kuˈt̪e̞ŋ]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[kuˈd̪imʊs]</td>
<td>[kuˈd̪if̪eta]</td>
<td>[kuˈt̪e̞ng]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Enquanto a solução da norma galega no singular também é válida para a GPS, a vogal tônica muda na 1ª e 2ª PP do le em [l̪e̞]. Este comportamento particular mostra-se ainda mais claramente como fenômeno interferencial nos lugares Pinheiro Novo, Seixal e Moimenta do lado português, onde a troca da vogal tônica fica marcada igualmente na 2ª PS perante a norma portuguesa do PPS (cf. mapa GPS 141). Além disso, nos grupos dialeíticos Labián e Hermisende as desinências da 2ª P sofram alterações características no PPS que afectam a conjugação inteira. As DM GPS 25/6 marcaram uma área meridional da OIEZ que combina os morfemas castelhano /-igša/- e /-igšeta/- com a raiz do perfeito galego-portuguesa em vez de usar as desinências galegas /-ijeta/- para a 2ª PS e /-iŋeta/- para a 2ª PP.

4.5. O verbo regular <moer>


---

---

* Segundo a nossa pesquisa, a alternância na vogal tônica aqui apresentada também afecta o extremo norte da provincia galega de Ourense (A Mezquita) que contrasta com a descrição seguinte de Pravhoce: Ro 1990, Dolcevolevín, p. 84: "Nas falas galegas de Zamora a VT da P e da P é o (collenum, *-moer*). No concello da Mezquita, da área do galego zamorano, a VT é a do galego común (collenum, *-moer*)."

* Conforme a argumentação no ILGRAG 1989, Normas, p. 81.
<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[ˈmɔˈju]</td>
<td>[ˈmɔˈjaŋ]</td>
<td>[ˈmɔˈjaŋ]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[muˈemɔɣ]</td>
<td>[muˈeɨʃ]</td>
<td>[muˈemax]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

A metafonia portuguesa entre a vogal tônica fechada na 1ª PS ([ˈmɔˈju]) e a vogal tônica aberta nas demais pessoas rizotónicas ([ˈmɔ2[ɪ]], [ˈmɔ2ɛ]), transmite-se no paradigma do presente galego até uma zona delimitada pela IP GPS 26a (v. mapa GPS 085). Só ao norte da Serra do Canizo e a leste do Rio Tuela, mas ao norte da Serra da Teixeira, abandonase a metafonia em favor de uma vogal tônica uniformemente aberta. Na metafonia aqui representada, trata-se de uma subtil interferência lusófona ao espaço linguístico galego porque não é ligada a uma fusomorfia simultânea.

4.6. O verbo regular <saír>

A análise do verbo sair/saír pertence a terceira conjugação, possibilitando uma apreciação exacta das tendências do desenvolvimento do 1r-3r intervocálico numa zona de contacto linguístico onde a inovação galego-portuguesa da redução do elemento intervocálico encontra formas verbais conservadoras do tipo castelhano com o fonema lateral mantido. Na língua galego-portuguesa efectuou-se a mutação fonética da redução do 1r-3r intervocálico o mais tardar nos séculos X e XI. No entanto, a perda do elemento intervocálico só venceu parcialmente no galego. Assim, regiões conservadoras com formas verbais que mantém o fonema lateral contrastam com áreas mais inovadoras que o reduziram inteiramente. Dentro do espaço linguístico galego, a metade meridional (Ourense, suroeste de Pontevedra, GEX) realizou a inovação lusófona, enquanto que as províncias setentrionais A Coruña e Lugo conservaram o elemento intervocálico 60. No galego da GPS o 1r-3r intervocálico foi reduzido principalmente nas formas do presente. Contudo, as desinências apresentam às vezes um polimorfismo característico da terceira conjugação. Assim, a IM GPS 08 delimita ao norte da Serra Segurideixa uma área com vogal tônica alargada na 2ª PP (cf. mapa GPS 91), enquanto a IM GPS 07a marca uma zona entre as Porteladas onde a desinência da segunda conjugação -eixi/ se junta à raiz do presente -ia/-ia. As desinências arcaicas -i/-i/ ou -e/-e/ podem encontrar-se ainda em Muraflavos (OR 03) e Sónia (V1 02). No PPS acumulam-se formas integras com a lateral intervocálica ou a semiconsonante palatal conservada. No mapa GPS 157, a IP GPS 23a testemunha a presença do elemento intervocálico do oeste da Portela de Padorelo e em Vilanova da Serra (ZA 04). Como esta aldeia se encontra a oeste da IM GPS 28 que diferencia as desinências, forma-se lá o seguinte paradigma híbrido:

60 Compreende Francozéis 1990. Diacrónicas, p. 100
4.7. O verbo regular *durmir*

A diversidade das formas finitas normativas e dialetais do verbo *durmir/dormir* encontra a sua causa no último latino neutro: com o *lo* aberto. No desenvolvimento fonético continuado, o *lo* latino aberto provocou diversas modificações que conduziram ao galego-português a formas metáfonicas e no castelhano à ditongação nas formas rizotônicas. Produziram-se naturalmente complicações fonéticas nos verbos latinos oferecendo um *lo* fechado ou um *lo* aberto (p.e. *COHERIR*, *CONPURIR*, *ACORIR*, *SUVERRE*, *TIRRIS*) sem realizar a mudança da vogal tónica nas formas rizotônicas. No entanto, os verbos latinos de origem erudita com o *lo* aberto ou fechado (p.e. *FUSCERE*, *UGERRE*, *NUTRIRE*) confundem-se no paradigma do presente metafónico e derram lugar a processos de nivelamento. Além disso, um cruzamento das tendências diastráticas com a coexistência sincrónica dos fenômenos isópatas dificulta a apreciação da variação diatônica na área do levantamento. Nem sequer é possível excluir que o mesmo falante trate os verbos da mesma conjugação de maneira diferente. Geralmente pode-se averiguar no galego contemporâneo uma clara tendência à regularização no sentido de uma adaptação ao vocalismo da 1ª PS e do conjuntivo. No português, o elemento metáfonico parece ser mais arraigado, mas o perigo da nivelação analógica aumenta precisamente nas zonas de contacto linguístico. A regularização do paradigma presente realiza-se em favor da vogal tónica fechada *ló*, conforme a evolução antecipada pelas formas arrostotônicas da 1ª e 2ª PP. Os mapas GPS 0967 evidenciam o estado das tendências apresentado no contacto galego-português. Enquanto o lado português mantém inteiramente intacto o paradigma do presente metafónico, a regularização é praticamente acabada no GEZ, dando lugar às seguintes formas verbais:

<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1º pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3º pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[pa'li]</td>
<td>[pa'lijo]</td>
<td>[pa'liu]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[pa'limuq]</td>
<td>[pa'liqto]</td>
<td>[pa'liro]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Em contrapartida, existe uma zona entre as Portelas onde a raiz do perfeito galego sem o lateral intervocálico já se combina com as desinências castelhanas, como prova a forma verbal para a 2ª PP (pa'ljqto) (cf. mapa GPS 157).
<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[d'urma]</td>
<td>[d'urmag]</td>
<td>[d'urma]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[d'ur'mínug]</td>
<td>[d'ur'míug]</td>
<td>[d'urman]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

No entanto, a IP GPS 27a marca uma faixa estreita no território galego entre a Serra do Canizo e a Serra Rabo de Gato como zona conservadora porque se mantém lá a alternância na vogal tônica ([d'urma]/[d'urmag]). Como de costume, a 2ª IP do PI (cf. mapas GPS 097) mostra um especial palinormismo provocado em primeiro lugar pela ligação da raíz do presente átona com as mais diversas desinências. Assim, a IM GPS 07 distingue uma variante [d'ur'míug] com a desinência castelhana da segunda conjugação de uma forma normativa galega [d'ur'mí[ba]g], separada adicionalmente pela IM GPS 08 de variantes com vogal tônica alargada ao norte da Serra Segadeira. O grupo dialéctico de Hermisende, finalmente, decide-se em favor da realização castelhana [d'ur'mínug/d'ur'míug] que contrasta com as formas rizónicas em /a/. Nos tempos perfeitos mantém-se porém a raiz predônica /d'ur/.

4.8. O verbo regular -<andar>-  

No caso normal, o verbo *andar*, basado no étimo latino *ambulare* (c *ambulare*), representa no galego-português o protótipo de um paradigma regular da primeira conjugação. No entanto, o perfeito pode enriquecer-se, sobretudo em zonas de contacto linguístico, pela inflexão facultativa de *-uv-l* ou *-iuv-l*. Como só as formas regulares são documentadas nos estados medievais, a inflexão pode ser considerada como elemento inovador. Traça-se de uma analogia com as formas perfeitas do verbo *estar* construídas no galego-português com o infixo *-iuv-l* e no castelhano com *-av-l*. Mesmo quando não é possível destacar uma área compacta da inflexão do verbo *andar* no PPS, pode-se reter para a GPS (cf. mapas GPS 1607-1608) que o noroeste mostra provas com o infixo *-iuv-l*, enquanto o sudeste conserva o antigo estado linguístico 19. Por isso, chega-se a uma zona composta dos grupos dialectais Lubián e Hermisende junto com o distrito de Vinhais que não apresenta a inflexão. Este resultado contrasta claramente com a distribuição das desinências, como documentam as IM GPS 312. Na zona entre as Portelas, mas só ao sul da Serra Segadeira, combinam-se raízes verbais sem infixo com desinências castelhanas, dando lugar a formas híbridas como [an'deʃtej] e [an'deʃtej];]. Em Hede via (ZA 08), só a vogal tônica /a/ revela a composição heterogênea e permite a distinção do castelhanismo puro.

---

19 ILGRAG 1989, Normas, p. 70: “Lapilhados irregularmente, sem formar áreas compactas (convinvido à vez mesmo em mesma localidade e mesmo nos indivíduos), a lado das formas regulares (sust. ambulador... andador,... andava... andava...) aparecem paradigmas irregulares no tema de perfetos: andar, andava... andara... andara... (analógico da então, etc.), e em andantes, andava... andava... (analógico da então, em... etc.)."
4.9. O verbo irregular <cir>

Devido ao seu suppletivismo, o verbo irregular *ir* oferece-nos muitas facetas. A união complementar de formas verbais com distinta etimologia (lat. *vedere*, *ire*, *ambulare*) e com semântica semelhante a um grupo formalmente fechado produziu-se por vezes de modo variado nas línguas e dialectos Ibéricoromânicos. Assim, as formas do presente no espanhol contemporâneo remontam ao lat. *vedere*, enquanto o imperfeito se baseia no lat. *ire*. Em contrapartida, o galego-português cruza *vedere* e *ire* já no PL. O mapa GPS 101 documenta o aspecto polifonético deste "suppletivismo de contacto" (gal. *imos* - *ides* i port. *vamos* - *ides* / esp. *vamos* - *vaias*) com quatro zonas verticais: a) IM GPS 12 separa [*imog*] de [*hamog*] ao longo da fronteira provincial entre Osorno e Zamora e continua com a Serpa da Coroa no distrito de Vilaflor. O GEZ opta pelo par verbal *inador* [*hamog*] (IM GPS 13), e Chanos (ZA 06), Padornelo (ZA 10) substituem [*imog*] pelo [des] castelhano (IM GPS 14). No PPS cruzam-se as raízes *fit* e *fit* no núm só paradigma. As formas etimológicas [*fit*] e [*fit*] conservam-se no GPS 30 (cf. mapa GPS 181: IP GPS 28a) e podem ser identificados no distrito de Vilaflor como interferência galega no português.

4.10. O verbo irregular <ouvir>

O infinitivo latim *audere* - *ouvir* e as demais formas arrotonizadas (audímus, audírem, audíet, ...) tinham perdido o -uei intervocalico já na época da formação do galego-português, chegando por conseguinte ao infinitivo *ouvir* (ouimos, ouís, ouíet, ...). Ou seja, a sequência ou + vogal representa um tritongue inestável dando lugar a múltiplas variantes articulatórias. Uma possibilidade residir na redução completa do segundo elemento vocalico transformando *ouir* em *ói*: Torna-se oito cavalo quando os órgãos articulatórios (lábios ou dorso da língua / velo) se aproximam na fronteira ebélica. Deste modo, podem-se restituir as seguintes linhas de desenvolvimento:

\[ a) [ou'i] > [ou'jir] > [ou'viri] \]
\[ b) [ou'íri] > [ou'ji*wi*ir] > [ou'viri] \]

O mapa GPS 103 documenta a variação diatópica no contacto galego-português. Disso resulta que se diferenciam tanto no presente como no perfeito as raízes verbais *fii*/*i* ao oeste frente a *ou*/*oi*/*oi* ao este - com a exceção do enclave comum do Porto (ZA 01) - ao longo da linha Serra Segadeira – Ponte da Calenda – Serpa da Coroa.

4.11. O verbo irregular <pêr>

Sucedem condições particularmente complicadas no verbo irregular *rouzir* - *pêr* por causa da ambivalência da perda e conservação do -uei intervocalico. Só no galego...
formou-se um doblete morfológico com o resultado arcaizante poñer e a continuação do desenvolvimento innovador até pór. De facto, a variante progressiva poñer, baseada numa mudança fonética o mais tardar dos séculos X e XI, equivale à norma portuguesa pór e não é surpreendente encontrar-se uma vasta divulgação justamente nas províncias galegas ourensana e pontevedra. Conservaram-se até hoje também formas transitórias do galego antigo, ainda com desinência tôntica, como poñer e poñer p.e. no galego asturiano. Enquanto ambas as linhas de desenvolvimento conduzem no singular do Pl aos resultados idênticos poñ, pon, poss, pon, produz-se uma separação no plural nas formas com desinência tôntica como poñemos e poñedes frente à alternativa rizotônica poñom, pondes, pon. Na GPS o ditongo [ui] da 2ª PS e 3ª PP revela formas transitórias bisilábicas, dando lugar ao seguinte paradigma verbal:

<table>
<thead>
<tr>
<th>número</th>
<th>1ª pessoa</th>
<th>2ª pessoa</th>
<th>3ª pessoa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>singular</td>
<td>[poñu]</td>
<td>[pōzil]</td>
<td>[poñ]</td>
</tr>
<tr>
<td>plural</td>
<td>[poñuʃ]</td>
<td>[podzil]</td>
<td>[poñil]</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Parece-se com o modelo de conjugação português na sua forma "desmanchada". Naturalmente surgem de modo isolado formas verbais com desinência tôntica [poñezuʒ] e [puʃeʒ] (p.e. em Esculqueira e Manalvas), como mostra o mapa GPS 104. Entre as Portelas, a IM GPS 13 documenta ainda amostras rizotônicas com desinência castelhana do tipo [ponderil]. A Teixeira (ZA 14) transforma as influências existentes na 2ª PP até a forma endônica [poñades].

4.12. O verbo irregular <saber>

As formas verbais derivadas do lat. sapere – saber comportam-se analiticamente ao curtio morfológico do verbo cober. Particularmente na 1ª PS do presente, os numerosos desenvolvimentos paralelos causam uma abundância de variantes nos sentidos diacrônicos e diatônicos. A análise das raízes do perfeito de sapere na GPS (v. mapa GPS 193) revela toda a multiplicidade de variantes fonéticas e morfológicas que aparecem em parte dispersas, em parte conexas. A raiz do perfeito galego-português /peʃp-/ contrasta em primeira aproximação com a castelhana /peʃp-/. No entanto, mostra-se muito mais representativa para a GPS a raiz do perfeito híbrida /peʃp-/, que mostra a ditongação galego-portuguesa, mas mantém a forma conforme com o castelhano. Dentro do GEZ a IP GPS 32, que decorre exactamente com o Rio Tuañ, separa a raiz híbrida no oeste da raiz lenisada no leste até a Portela de Padronelo 31. A presença esporádica da raiz do perfeito castelhana /peʃp- do

---

31 Uma imagem superficial demais desenha Fosten 1990, Diálectos, p. 99: "No terro do perfecto /poñecer, -izeñecer, -izeñer... -ere, -ere... forma dous compactos no sueste e occidente da Coruña, no sueste de Pontevedra, no sueste de Ourense e mais no galego asturiano."
oeste da Serra Segundena (p.e. Pias e Vilanova do Serras) acentua uma tendência à castellanização do oeste do Rio Tuela, enquanto os pontos nos arredores da fronteira linguística galego-castelhana se agarram à raiz do perfeito galego-português. Isto é, segundo a nossa opinião, um resultado muito revelador porque contrista justamente entre as Portelas a subsistência absoluta das raízes verbais galegas com a aparição mais frequente das desinências castelhanas. Em contrapartida, ao noroeste da zona de contacto directo aumenta a aceitação de influências castelhanas na raiz verbal, desta vez combinada sem exceção com desinências galegas.

5. CONCLUSÃO
As investigações efectuadas acerca do estalomamento das isoglossas na zona de contacto galego-português-espanhol (GPS) poderiam evidenciar que as fronteiras linguísticas analisadas não formam necessariamente um compacto feixe de isoglossas, e sim que os critérios diferenciais isolados manifestam a sua individualidade e uma variação diatópica própria. Assim, podem-se encontrar particularidades articulatórias lusófonas e hispanomorfas características no OIEZ com uma arealidade diferenciada sem excluir a possibilidade de uma influência recíproca do vizinho linguístico com respeito a outros indícios. Nesta complexa situação dialética, só uma análise que considera todos os distintos parâmetros fonético-fonológicos, morfológicos e léxicos pode contribuir para um esclarecimento satisfatório do emaranhado de isoglossas. De facto, o termo emaranhado de isoglossas parece-nos apropriado neste contexto porque, numa superposição sinóptica de todos os mapas linguísticos, a totalidade das isoglossas, isomorfias e isodistásicas formaria uma complexa rede de linhas que simboliza a variação diatópica dos critérios diferenciais investigados. Como se distinguem contudo num tal emaranhado pequenos feixes de determinados grupos de parâmetros, seria mais exacto falar de um esclaramiento espacial das isoglossas.

6. BIBLIOGRAFIA RESUMIDA
Cortés y Vázquez, Luis: El dialecto galoico-portugués hablado en Labián (Zamora) – toponimia, textos y vocabulario, Anejo de la Acta Salmanticense VI/3, Universidad de Salamanca 1954
Fernández Rei, Francisco: O verbo. Contribución á dialectoloxía galega, 2 vols. & 1 álbum de 322 mapas, Texte de doutoramento (inédita), Facultade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela 1979


Fernández Rei, Francisco: Dialectoloxía da língua galega. Xerais, Vigo 1990


García de la Torre, José Manuel: "Estudios sobre el gallego hablado en la provincia de Orense", en: Revista de la Universidad de Madrid XII, Madrid 1963, p. 7-62


Krüger, Fritz: Die Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete, Beiträge zur spanischen und portugiesischen Volkskunde, Friedrichsen & Co., Hamburg 1925


Lüdtke, Helmut: "Explicación do doble resultado de los grupos -e./-a./-e en la Península Ibérica", em: Lletres Asturianes 21, Academia de la Llengua Asturiana, Uviéu 1986, p. 7-16


Noia Campos, María Camiño: "Aportacións ó estudo dos resultados -amo, -ana, -án, -d, -d, -ao en galego", em: Sensu I, Revista de Filoloxía, Colexio Universitario de Vigo 1979, p. 61-96

Pérez Pascual, José I.: "Observaciones en torno a la desaparición de la -i- intervocálica en galego", em: Verba 9, Anuario Galego de Filoloxía, Facultade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela 1982, p. 201-213

Pinto, Adélina Angélica: Indofores e istólecas portuguesas: perspectivas sincrónicas e diacrónicas (com 27 mapas), Dissertação de licenciatura, Coimbra 1973


Rodríguez Lago, Mari Carmen: Léxico dialectal e comunes de Porto, Memoria de licenciatura (inédita), Facultade de Filosofía e Letras da Universidade de Santiago de Compostela 1974


Sanxenxo, María José de Moura: Os falares fronterizos de Trás-os-Montes, Separata da Revista Portuguesa de Filoloxía XII, Instituto de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 1967
Vasconcelos, José Leite de: "Dialectos trasmontanos", em: Revista Lusitana III, Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal, Porto/Lisboa 1890-92/95, p. 97-120 e p. 57-74
Vasconcelos, José Leite de: "Linguagens fronteiriças de Espanha e Portugal", em: Revista Lusitana VII, Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal, Porto/Lisboa 1902, p. 133-145
Vasconcelos, José Leite de: "Linguagens fronteiriças", em: Revista Lusitana 33, Arquivo de Estudos Filológicos e Etnográficos relativos a Portugal, Porto/Lisboa 1935, p. 307-309